Doi: http://doi.org/10.20435/multi.vol31issespecial.5620
Recebido em: 30/10/2026; aprovado para publicação em: 30/10/2026

Meditações para uma Filosofia da Oração

Fr. Tinus van Balen, O. Carm.

Frade carmelita (Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo). Nascido na Holanda, formou-se em Filosofia pela Universidade Católica de Louvaina, Bélgica, e em Teologia Dogmática pela Universidade de Münster, Alemanha. Dedica-se aos estudos e à tradução de obras relacionadas à espiritualidade carmelitana. Está atualmente no Mosteiro Camaldolense da Transfiguração, em Mogi das Cruzes, SP. E-mail: tinvanbalen@gmail.com, Orcid: https://orcid.org/0009-0003-1441-5901

Nota: O autor é o responsável pela revisão ortográfica e gramatical desta publicação.

1 À GUISA DE UMA INTRODUÇÃO

A palavra grega ***philosophia*** é composta do verbo ***philein,*** que significa gostar, amar; e do substantivo: ***sophia***, que significa sabedoria. O termo sabedoria, embora muito comum na filosofia, irá marcar muitas culturas. Nos livros sapienciais do Antigo Testamento, redigidos depois do Exílio babilônico (586 a + ou – 530 a.C.), a Sabedoria (com letra maiúscula) é apresentada como uma "Pessoa". Salomão, eleito rei e ciente de sua grande responsabilidade, reza a Deus:

> Envia-a dos teus santos céus,
> e do trono da tua glória manda-a,
> para que esteja comigo e trabalhe comigo,
> e eu saiba o que te é agradável.
> Pois ela conhece e compreende todas as coisas,
> e me conduzirá com prudência em minhas ações,
> e me guardará com a sua glória[1]. (Sb 9, 10-11)

Os versos acima mostram que a Sabedoria está acompanhando a Deus na obra de Criação, obra que inspira uma contínua admiração, assim como uma criança:

> Eu estava junto dele, ajustando (todas as coisas);
> eu era aquela em quem ele se comprazia dia após dia,
> alegrando-me continuamente diante dele.
> Eu me alegrava na parte habitável de sua terra
> e encontrava minhas delícias entre os filhos dos homens.
> Agora, pois, filhos, ouvi-me:
> felizes os que guardam os meus caminhos.
> Escutai a instrução e tornai-vos sábios,
> não a desprezeis[2]. (Pr 8, 30–33)

---

[1] Os textos bíblicos usados nesse artigo serão produzidos pelo ChatGPT a partir da tradução grega ***Septuaginta***. O texto original grego (da **Septuaginta**) utiliza termos como ***sýnesis*** (inteligência/compreensão) e ***phrónesis*** (prudência prática), o que indica que a "Sabedoria" aqui não é apenas especulativa, mas eminentemente prática — orientadora da ação moral e política (Notas do editor).

[2] O particípio grego associado à Sabedoria (***harmózousa***, "ajustando", "ordenando") permite compreender a Sabedoria não apenas como espectadora da criação, mas como princípio ativo de ordenação, o que, em termos filosóficos, aproxima o texto de uma concepção **cosmológica e teleológica da razão** (notas do editor).

Também, no livro de ***Eclesiástico***, ***Ben Sirá***, Ela – a Sabedoria – sai do trono de Deus, em busca de uma morada, um respouso, que se encontra na "Cidade Santa" e nas celebrações litúrgicas do Templo, como pode ser conferido em Ecleciástico, capítulo 24, versos 14 e 15: "Desde o princípio, antes dos séculos, fui criada, e por toda a eternidade não deixarei de existir. Na tenda santa, diante dele, exerci o meu ministério, e assim fui estabelecida em Sião". A Sabedoria, criadora da bela Ordem que mostra o Universo, revela-se ao conhecimento do homem quando se abre para ela. Nessa atitude de procura e de humildade, escutando sua voz no interior do seu coração, ***Ela*** causa a experiência da paz e de felicidade (Sb 7 e 8).

Os livros sapienciais, redigidos depois do Exílio, repercutem os pensamentos e sentimentos humanos da cultura grega daquela época, marcada por um pensamento mais próximo daquilo que entendemos por filosofia. Naquela época, a Filosofia era uma "escola de educação" (***Paideia***). Na porta do Templo de Apolo, em Delfos, estava escrito: "Conheça-te a ti mesmo" (***gnōthi seauton***); **e** chegou até nós em um framento de Heráclito, "Fui em busca de mim mesmo" (DK, B101)[3]. Sim, os grandes filósofos gregos eram contemplados como **mestres de espiritualidade**, e portanto, a **verdadeira filosofia** é conhecer e estar em busca da Sabedoria. Neste contexto, gostaríamos de fazer uma observação sobre a filosofia atual, e ressaltar uma das suas vertentes. A Filosofia contemporânea é marcada pela **Fenomenologia**.

Na obra *Metafísica* de Aristóteles, no livro Gama**,** o filósofo fala sobre **o ente**. Todas as coisas, enquanto **"são"**, particpam do **Ser (**grego: *einai*)**.** E, enquanto participam, sendo chamadas **entes** (plural do particípio ***ens***, do verbo ***esse*****, ser**), elas estão ligadas umas com as outras. E, justamente, **na** ligação é que, cada coisa se manifesta diferente, mostrando **um brilho *sui generis*.** A coisa "é" coisa, quando experimentada faticamente, e vista com olhar de um filósofo, ou artista, **num contexto** com inúmeras facetas. Este contexto se amplia sempre mais e mais até que **se percebe** o contexto de todos os contextos, chamado, em grego, de ***ho Lógos***, ou ***to Einai*****.**

O filósofo Heráclito registrou isso no fragmento 50, "Não a mim, mas ao ***Lógos*** tendo ouvido, é sábio concordar que tudo é um" (DK, B50)[4]. Tanto

[3] "*ἐδιζησάμην ἐμεωυτόν*" (DK B101).

[4] "*οὐκ ἐμοῦ, ἀλλὰ τοῦ λόγου ἀκούσαντας ὁμολογεῖν σοφόν ἐστιν ἓν πάντα εἶναι"* (DK B50).

a palavra ***hen*** (um), como a palavra ***pan*** ou ***panta*** (tudo, ou totalidade, todos) **transcendem a visão moderna de calcular**, qual seja, controlar e observar com **o olhar calculador[5]. Podemos dizer que tem dois tipos de ver. O olhar do filósofo e o olhar do cientista. O primeiro é um ver que se espanta**, **admira incessantemente**, enquanto o segundo oberva para controlar, **isola** uma coisa da outra. Não leva mais em conta ***ho Lógos***.

O *Lógos* faz com que todas as coisas sejam ligadas umas com as outras, e, desta maneira, elas possam mostrar uma "harmonia", que **espanta tanto o olhar como o ouvido**. Diz o mesmo Heráclito**:** "A harmonia invisível é superior à visível" (DK, B54)[6]. Ela brilha pelo ***Lógos***, isto é: pelo **Ser**, uma **Luz** que ilumina tudo. Aquela Luz parece fazer um jogo, isto é, o da invisibildade e da visibilidade. São os pintores com seus olhares sensíveis e especiais que se encantam com este jogo.

A Flosofia, como ontologia (discurso sobre o ente), pesquisa a origem (em grego, ***hè Archè***), tanto quanto pesquisa o fenômeno de **nascer**. Pesquisa a questão do ver, como **perceber**, à medida que, o que é percebido, aparece em todo seu frescor, como se fosse pela primeira vez. Ela, também, pesquisa a dimensão escondida e profunda, mas presente, na realidade superficial. Enxergar a superfície e, **na** superfície, a profundidade. É a harmonia "menos clara" (invisível ou não manifesta) do que a "harmonia clara" (visível), como diz o pré-socrático Heráclito (DK, B54).

No decorrer da História da Filosofia, começou a predominar um certo tipo de olhar (e pensamento) observador e contolador. ***Epistème,*** é como se chamava a filosofia. Ela tornou-se mais e mais **epistemologia,** em vez de **ontologia**. Mas, com **Edmund Husserl**, a filosofia ficou com um **olhar mais aberto** para o aspecto de mistério, aspecto da vida real e emocional que marca a **existência integral** do ser corporal-espritual que é o homem.

---

[5] A ideia de um "olhar calculador" está ligada ao conceito heideggeriano ***rechnende Denken*** (pensamento calculador), presente em textos como ***Gelassenheit*** (1955) e ***Bauen Wohnen Denken*** (1951) (notas do editor).

[6] "*ἁρμονίη ἀφανὴς φανερῆς κρείσσων*" (DK B54).

2 A PREDOMINAÇÃO DO ASPECTO DA RAZÃO DÁ LUGAR AO ASPECTO DO CORAÇÃO E DO DESEJO

O filósofo e matemático do século XVII, Blaise Pascal, certa vez, disse que "O coração tem as suas razões que a razão não conhece" (Pascal, Br 277)[7]. E, o famoso dramaturgo renascentista William Shakespeare, na peça teatral de ***Hamlet***, imortalizou-se com sua célebre máxima: "***There is more in heaven and earth then dreamed of in your philosophy***" (Shakespeare, ***Hamlet***, I, v). Aqui, ambas indicam uma abertura para o mistério. Nessa nova abertura para o mistério, a Filosofia valoriza mais o homem como um ser religioso.

Paradoxalmente, num mundo marcado pela técnica e a dessacralização, o filósofo Heidegger (1977), interpretando o poeta Friedrich Hölderlin, fala: ***os deuses fugiram***. Ora, neste mundo "pós-moderno", os homens estão de novo à procura pelo sentido da vida. O sentido da vida, desde sempre procurado, foi revelado nos grandes mitos que se contaram séculos e séculos, desde o "***Achsenzeit***", tempo de eixo (ou axial) (Jaspers, 1949) substituída pela filosofia na Grécia. Ela foi procurada também pelo filósofo alemão, Martin Heidegger, que, mais e mais, viu claramente no seu conceito fundamental do **Ser**, a manifestação do **Sagrado**. Visão essa, de modo magistral, apresentada na sua palestra sobre *Bauen Wohnen Denken* (Construir / Cultivar Morar Pensar) de 1951 em Darmstadt (Alemanha).

Este modo de lidar com a filosofia, desde o coração, do mistério e do sentido – em outros termos como uma ontologia – isso nos leva a desenvolver uma espécie de Filosofia da oração, que como toda oração, nunca está acabada. Levando em conta daquilo que aqui apresentamos a respeito da Ontologia, gostaríamos desenvolver um "projeto" de uma **Filosofia da oração.**

3 UMA FILOSOFIA DA ORAÇÃO – *MESTRE, ONDE MORAS?* (JO 1, 39)

A tradição cristã, inspirada em Agostinho, define belamente a oração como **"*respiratio animae*"**. Em nosso livro *A Fonte***,** dedicamos um capítulo à oração, partindo do **Evangelho de São João**. Citemos:

[7] "***Le cœur a ses raisons que la raison ne connaît point***" (Pascal, ***Pensées***, Laf. 423 / Br. 277.).

> A oração é um toque final, o acabamento da "obra" que constroí o ser humano pela linguagem. **LOGOS**.
>
> Rezar é abrir-se para **ouvir um Convite, um Apelo**!
>
> Rezar é uma linguagem que surge do silêncio e para lá volta! É um desejar "fazer parte de um grande Conjunto".
>
> Rezar é uma surpresa eterna, um festa interior, uma música interior do coração.
>
> Assumindo a atitude de oração, abre-se uma "solidão sonora", onde surge uma música, o sentimento de "ter encontrado seu lugar "na Terra e no Universo. (Van Balen, 2015, p. 217)

Nesse horizonte, a oração não se reduz a um ato religioso isolado, mas se revela como o ponto de convergência entre linguagem, interioridade e sentido. Ela é o lugar onde o ser humano, constituído pelo logos, reconhece-se como chamado e responde a esse chamado, não apenas com palavras, mas com a totalidade de sua existência. Ao emergir do silêncio e a ele retornar, a oração manifesta uma dinâmica ontológica profunda: ela não apenas expressa o humano, mas o configura, inserindo-o numa ordem maior de pertença. Assim, essa "solidão sonora" não é ausência, mas plenitude – um espaço onde o sujeito, ao escutar, descobre que já está em relação, já está situado, já participa de uma harmonia que o antecede e o excede.

3.1 *Quadratura*

O filósofo Martin Heidegger cunhou uma palavra fundamental: ***das Geviert***, na palestra sobre *Bauen Wohnen Denken* (Construir Morar Pensar) de 1951 em Darmstadt (Alemanha), Nela**,** repercute-se o mistério do número. A palavra alemã ***Geviert*** foi traduzida por **Quadratura[8]. O céu com os deuses imortais e a terra com os mortais se relacionando entre si não são, enquanto se relacionam, quatro** coisas isoladas, imaginadas pelo número **4**, mas a manifestação do Simples, do Um, ou como diziam os filósofos gregos antigos, do Uno. Gostaríamos, portanto, de propor uma

[8] A tradução de ***das Geviert*** como Quadratura foi proposta pela estudiosa de Heidegger, Márcia Sá Cavalcante Schuback, em sua publicação pelas Vozes. Victor Marques traduz como "Quadrângulo".

nova tradução de *Geviert*, qual seja, **"o abrangente, diferenciando-se no quadriforme"**.

Heidegger (2018) insiste na visão que ***das Geviert*** "clareia", se manifesta. Como? Ao se manifestar numa **coisa**, ele descreve a coisa que é **a Ponte** de Heidelberg, sobre **o rio Neckar**. Aquela coisa construída, que é a ponte, **concentra** e "coisifica", torna-se **ponto de referência**, e, finalmente, manifesta. Como? Graças à "coisa" (***das Ding***). *Das Geviert* (o abrangente distintamente quadriforme) concede ao ser humano a capacidade de **morar**, no espaço e no tempo, "na terra sob o céu".

3.2 O que significa morar?

É fascinante como o pensamento de Heidegger sobre o dom maravilhoso de morar brilha o mistério do **Ser**. O pensar do filósofo – assim nos parece – "parar no caminho". Queremos pensar, seguindo o filósofo, **mas caminhando mais longe no pensamento meditativo**, e escutando com fé: **" Os Anunciadores",** isto é, os "abrangentes quadriformes".

O Céu, com os seus habitantes, os deuses imortais, com os seus planetas girando e suas estrelas cintilantes, oferecendo a alternância fascinante de dia e de noite, com a chuva e o calor, **"fala", anuncia,** ao homem (ainda) religioso. Isto é, **o convida** a **fazer um ato de fé. Acreditar** com admiração em um **Deus pessoal**. O salmista canta:

> Os céus proclamam a glória de Deus
> E o firmamento anuncia a obra de suas mãos.
> O dia passa a mensagem ao outro dia
> E o outro conta a notícia a outra noite.
> Não é uma fala ben são palavras,
> Sua voz não se ouve. (Sl 18, 1)

O profeta Baruch também testemunha o mesmo: "[...] e as [estrelas] chama, e respondem: Aqui estamos. E jubilosas refulgem para o seu criador [...] Foi então que ela [a sabedoria] apareceu sobre a terra, onde ***permanece*** entre os homens" (Br 3, 35-38, grifo nosso). Somos convidados a **acreditar** em um único Deus, no Deus da Bíblia, que se revelou na história humana, **no fogo da sarça ardente**: Deus disse a Moisés **"Eu sou aquele que sou"**.

E acrescentou: Assim dirás aos Israelitas: " 'Eu sou' mandou-me a vós" (Ex 3,14)[9]. A ideia de morar permeia toda a Bíblia, tanto o Antigo como o Novo Testamento

O próprio filósofo Martin Heidegger diz, no fim da palestra ***Bauen Wohnen Denken***, que ainda não "sabemos" o que é morar. Ora, **morar é Ser**. O nosso "questionameno" com o filósofo é, junto com ele, perguntar: será que no **Ser**, o simples, um, uno , que se diferencia em ***Constuir, Morar, Pensar***, visto e meditado, de modo ontológico, como ***das Geviert***, não comportaria uma abertura que **convida** a "acreditar" que, **naquele** *Geviert*, não somente como "imortais no céu" que se relacionam com "os mortais na terra", mas também um só Deus, há uma manifestação de um **Deus pessoal**? Meditando sobre essa questão, podemos voltar ao significado dos números.

Os números, funcionando como cálculos, estão profundamente gravados no nosso imaginário. O número **1**, inicia a série de **1, 2, 3,** etc. As crianças na escola brincam com **o ábaco** para aprender a calcular. Porém, o mesmo número **1** possui facetas como de um diamante. Ele apresenta o Incalculável, **a Origem**, em grego: ***hè Arche***, isto é, aquela força, energia misteriosa, que acompanha e está atrás da nossa capacidade para calcular. Chama-se também o fenônemo de ***a priori***.

Na visão de Heidegger (2018), **a Origem** se manifesta, ilumina, clareia, facetada no quadriforme (*das Geviert*), isto é, no céu com os divinos imortais, e a terra com os mortais, que são os seres humanos que **se comportam construindo e morando**. Por outro lado, na visão religiosa, a palavra cunhada pelo filósofo, ***das Geviert*****,** é, de fato, igual a palavra filosófica de *ho Logos*, e de **Ser**. Heidegger incentiva os ouvintes a **admirar-se sobre o encanto** de viver como ser humano na terra sob o céu, e, daí, oferece-se **uma apresentação de uma Filosofia**.

Lógos significa a força misteriosa que une e difenecia todas as coisas de tal modo que brilhe uma paz e se deite sobre tudo uma luz suave. ***Lógos*** significa o que faz com que tudo esteja estruturado e concentrado. É a força que reconcilia e paradoxalmente une o que parece oposto. A vida e a morte.

[9] Na Septuaginta, temos: "Deus disse a Moisés:**"Eu sou Aquele que é"** (*ἐγώ εἰμι ὁ ὤν*). E acrescentou: "Assim dirás aos filhos de Israel: **'Aquele que é me enviou a vós'**."

Faz irradiar o Invisível no visível. **A morte se torna uma *passagem***. O ***Lógos*** é, segundo o filósofo pré-socrático Heráclito, "***hen ka pan***", "o um e tudo".

4 A SABEDORIA COMO *LÓGOS*: A BOA NOVA DE JOÃO

Para os primeiros Padres da Igreja, influenciados tanto pela cultura grega, marcada pela filosofia da época, como pelos livros sapienciais da Bíblia, meditando sobre Jesus Ressuscitado e celebrando na liturgia este mistério, descobrem a profundeza das palavras do Evangelho de João. Os Padres da Igreja **veem e ouvem** as repercusões, vindo do Evangelho, das reverberações das frases lapidares, começando com: "Na **Origem** (***en tei Archei***) existia **o Verbo** (grego ***ho Logos***) e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus" (Jo 1,1).

O Prólogo, o Prélúdio do Evangelho (**Jo 1, 1-18**), é de fato um cântico litúrgico: "E **o Verbo** (***ho Lógos***) se fez carne e veio **morar no meio de nós**" (**Jo 1, 14)**. **O Verbo (*Lógos*)** é a linguagem que **nomeia**. Nomeia o Inexplicável, a força criativa, sendo **uma luz fulgurante** (**Jo 1, 4-5)**. Aquela luz se revelou como **uma Pessoa**, que a Bíblia chama Deus, ***YHWH*** e que recebeu, ao cume da História da Salvação, traços humanos em **Jesus de Nazaré**. **O evangelho de João, fruto das celebrações litúrgicos**, medita sobre este mistério da Revelação histórica de Deus.

Na filosofia, como ontologia, reflete-se sobre **a Origem**. Ela é **pura clarão**. Como esta Luz ilumina uma coisa? Ao ocorrer, a coisa aparece **como tal**, diz **Aristóteles** na Metafísica (*to ôn hei on*, livro Gama). Agraciada com um brilho, a coisa **irradia,** e todo seu ambiente e redondeza entra também numa luz. Inicia-se um movimeno misterioso de reciprocidade de doar e receber. A filosofia quer **perceber** o fenômeno iluminador de gratuidade.

A Origem é um surgir contínuo de manifestar-se, enquanto o homem atento a respeita, cheio de admiração. Ela revela **o Sagrado**, de que **Rudolf Otto** (2007), no seu livro *Das Heilige* **(O Sagrado),** diz que é o **Numinoso**. O homem, aproximando-se do Sagrado, fica com "medo"(respeito) e fascinado, atraído, ao mesmo tempo. (cf. **Ex 3, 5**). **O espanto** é o sentimento fundamental que acompanha, de modo concomitante, o verdadeiro filósofo durante o seu pensar. O espantar que nunca o abandona, vem da própria

Origem. Ele é um aspecto **da Sabedoria, do *Lógos***.

Os poetas e artistas são inspirados para "nomear", e **fazer ouvir e ver** a coisa, sobre a qual a Origem espalha sua luz. Uma destas coisas é **a Fonte**, e citamos a poesia de Conrad F. Meyer (1986):

> **O manancial romano**
>
> Sobe o jato d' água e ainda verte
> Enchendo a concha redonda de mármore.
> Que, plena s'água, transborda
>
> No funda de uma segunda concha.
> Enriquecida, a sgunda doa
> O fluxo ondulante à terceira.
>
> Cada uma, ao mesmo tempo,
> Recebe e doa
> E fluindo, descansa

Aquela realidade fontal, isto é, **o perene surgir** do movimento de **doar e receber,** que é o mistério **de Um – segundo o filósofo Hideger**. O Ser é a Origem, a Unidade, o Simples, a Ordem, o Conjunto e a Totalidade. **É *Lógos*!**

Jesus rezando executa e realiza uma obra; **ele é o *Lógos***. Como? O que significa ***Lógos?*** Na filosofia é perguntado: o que faz com que todas as coisas tenham a ver umas com as outras? O que faz com que uma ordem seja uma ordem? Por que o ser humano se realiza através do trabalho, através de sua criatividade? O que é uma obra de arte? O que quer dizer "constuir" uma cidade? E quem sou eu? Todas estas questões fundamentais da filosofia podem ser resumidas na pergunta: o que significa falar?

Atrás de tudo está presente o sonho, no âmago do coração, **gostaríamos de fazer parte de um grande Conjunto**, um sonho de **amor**! Sonho que se realiza e que se celebra na autêntica oração. **Jesus, o *Lógos*, reza, irradia uma luz, iluminando tudo ao seu redor**, pois ele, o ***Lógos*, se fez um ser hmano** (**Jo 1, 14**). Como humano, ele se linguistificou: "Eu não rogo somente por eles, mas também por aqueles que hão de crer em mim e por meio da sua palavra. **Para que todos sejam um, como tu, Pai, que és em mim e eu em ti, para que também sejam um em nós, a fim de que o mundo saiba que tu me enviaste**" (**Jo 17, 20-21)**.

4.1 O *Lógos* também reza: a luz

A **Oração sacerdotal** de Jesus, encontrada no Evagelho de João, repete **6 vezes** a palavra **Pai, 17 vezes,** o verbo **dar, doar** (grego: ***didoni***), **5 vezes,** os verbos que estão intimamente ligados com o ato de doar, **3 vezes, guardar, preservar, cuidar** (grego: ***tereein***), e **uma vez acolher** (grego: ***lambanein***) e **proteger** (grego: ***phulassein***). Nesses verbos, florindo os lábios de Jesus, *o Lógos orante*, manifesta-se **como Ser**, mas, também, como Luz.

A Luz se vê com os olhos, que também são, como Goethe costuma dizer, "***sonnenhaft***" (algo do próprio sol). A primeira palavra de Deus era **"haja luz" (Gen 1, 3**). Deus deu aos homens discernimento, língua, olhos, ouvidos e coração para pensar. E cumulou-os de instrução e de saber. Deus-lhes também a ciência de espírito, encheu seu coração de bom senso e mostrou-lhes o bem e o mal. Como está escrito no livro de *Ben Sirá*: "Pôs seu olhar nos seus corações; mostrando-lhes a grandeza de suas obras**" (Ecl 17, 5-7)**. Falando, o ser humano "sai a lume". Ele próprio, sendo iluminado pela *lumen naturale* (o dom de ***a priori***) ele dá um nome às coisas, e elas recebem **um brilho**. **A Linguagem (*Lógos*)** é como o Sol que despontando, ilumina tanto o olhar, como tudo o que é visto, com as cores de tonalidades fascinantes e variantes.

Os sinóticos narram que, quando Jesus sobe a Jersualém, ciente que vai sofrer e ser entregue às mãos dos pecadores (**Mc 8, 32; par.**; segundo anúncio da paixão), e, enquanto está rezando no monte Tabor (**Lc 9, 28-29**), ele se torna **transfigurado**, o corpo e o rosto, irradiando a luz, a luz que vem de Deus. **O evangelho de João** não relata a ***Metamorphôsis*,** mas todo o Evangelho irradia a luz. **Luz da vida** (**Jo 1, 4-5**) que espalha e irradia em cada sete sinais, (**cf Jo 1, 19-12, 50**) o júbilo de existir, a luz do Amor entre Deus que é **Pai**, e, permanecendo "no seu seio", **o Filho unigénito irradia a luz da obra que é a fé** (**Jo 6, 29**).

As palavras de **Jesus orante** no evangelho de João refletem a luz fulgurante como de um diamante de facetas vivas e cintilantes. Sim, **Luz e som**, virando **um cântico litúrgico** acompanhado pelos instrumentos, **ouvido e visto na figura de Jesus orante**. A Oração de **Jo 17,1-26** é chamada "sacerdotal", porque, espiritualmente, rezando na sala da última ceia, ele

se mantia em oração. Estando já na agonia de Crucificado, a sua oração era "um sacrifício perfeito". Na tradução das Edições Paulinas, lemos em Jo 17, 1-26, a Oração Sacerdotal de Jesus:

1. Assim falou Jesus, e, levantando os olhos ao céu, disse: Pai, chegou a hora, glorifica o teu Filho, para que teu Filho te glorifique a ti,
2. e, pelo poder que lhe deste sobre toda criatura, dê a vida eterna a todos os que lhe deste.
3. *Ora a vida eterna é esta: Que te conheçam a ti como um só Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste* (*versículo inserido pelo evangelista*).
4. Glorifiquei-te sobre a terra; acabei a obra que me deste a fazer.
5. Agora, Pai, glorifica-me junto de ti memso, com aquela gloria que tive em ti, antes que houvesse o mundo.
6. Manifestei o teu nome aos homens, que me deste do mundo; eles eram teus e tu mos deste; eles guardaram a tua palavra.
7. Agora conhecem que todas as coisas que me deste, vêm de ti,
8. Porque lhes comuniquei as palavras que me confiaste; eles as receberam, conheceram verdadeiramente que eu saí de ti e creram que me enviaste.
9. É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo mas por aqueles que me deste, porque são teus;
10. Todas as minhas coisas são tuas e todas as tuas coisas são minhas; e nelas fui glorificado.
11. Eu já não estou no mundo, mas eles estão no mundo, e eu vou para ti. Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós.
12. Quando eu estava com eles, eu os guardava em teu nome. Conservei os que me deste; nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, cumprindo-se a Escritura.
13. Mas agora vou para ti; e digo estas coisas, estando ainda no mundo, para que eles tenham em si mesmos a plenitude do meu gozo.
14. Dei-lhes a tua palavra, o mundo o odiou, por que não são do mundo, como também eu não sou do mundo.
15. Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal.
16. Eles não são do mundo, como eu também não sou do mundo.
17. Santifica-os na verdade. A tua palavra é a verdade.

18. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo.
19. Por eles eu me santifico a mim mesmo, para que ele também sejam santificados na verdade.
20. Eu não rogo somente por eles, mas também por aqueles que hão de crer em mim e por meio da sua palavra;
21. Para que todos sejam um, como tu, Pai, o és em mim, e eu em ti, para que também sejam um em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste.
22. Eu dei-lhes a gloria que tu me deste, para que sejam um, como também nós somos um.
23. Eu neles e tu em mim, para que sejam consumados na unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste e que os amaste, como amastes também a mim.
24. Pai, quero que, onde eu estou, estejam também comigo, aqueles que me deste, para que contemplem a minha glória, a glória que me deste, porque me amaste antes da criação do mundo.
25. Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci; e estes conheceram que tu me enviaste.
26. Fiz-lhes e far-lhes-ei conhecer teu nome, a fim de que o amor com que me amaste, esteja neles e eu neles.

4.2 Consumados na unidade (Jo 17, 23)

Voltando a Heidegger, a expressão ***das Geviert*** é bela e sugestiva. **Ela evoca** o Universo, o céu com os planetas do sol e da lua, fazendo a suas trajetórias, circulares e fascinamtes, e as estrelas cintilantes durante a noite, com os peixes no mar e aves no ar voando. **Evoca** a terra com os homens, cultivando a terra, cuidando dos animais, plantando para poder sobreviver na estação do inverno feroz, e construindo cidades e pontes. **Evoca** o espaço e o tempo, as quatro estações e os quatro nortes que constituem o sul e o norte, o este e o oeste. Devido a tudo isto, o homem mortal, morando na terra sob o céu, pode orientar-se na sua vida, e celebrá-la. A visão bíblica canta este místerio. Mencionamos especialmente os salmos **8, 63, 103**, **144, 150**. belas poesias da narração da Criação, contada **do primeiro capítulo do livro de Gênesis**. **Da bondade e genorosidade de Deus**, manifestada na

natureza no meio de qual o ser humano sobrevive e vive e louva o Criador.

Durante inúmeros séculos, os mitos apresentam, nos ritos e contos, este mistério, ate que a filosofia grega, desde **os Pré-socráticos**, orienta-se no que está atrás de tudo isto. Chama-se **o *Lógos*, o Uno, o Simples**, que faz com que tudo no universo manifesta uma **coerência, um conjunto, uma totalidade.** Heidegger focaliza, como filosófo, a sua visão, inspirada na mitologia e na filosofia grega, falando sobre *das Geviert*. O homem bíblico e religioso, porém, focaliza, **como aquele que acredita**, sua visão, falando de **Deus uno e Criador**.

O livro de Gênesis, composto no século VI a.C., após o exílio babilônico, começa com a frase: "No princípio Deus criou o céu e a terra. A terra estava sem forma e vazia, as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus **pairava** sobre a superfície das águas. Deus **disse: Faça-se a luz**. E a luz foi feita" (**Gen 1, 1-3)**. Deus é **Aquele que fala**. Onze vezes se repete, no primeiro capítulo de Gênesis: "***Waiomer Elohim*"**[10] (E Deus disse...)

No evangelho de João, tão filosófico e teologíco, **repercute** tudo o que mencionamos aqui em cima. O ser humano que é **Jesus** (254 vezes encontramos o nome no evangelho) **é também o *Lógos***, a **Lingugem**. O visível e o Invisível se encontram, como já entoou com tons musicais **o Prólogo**. O sentido profundo e teológico da **Transfiguração** (***Metamorphosis*)** que **os sinóticos** nos transmitem como uma cena, permeia, fulgurando, também muitas das páginas do **evangelho de São João**. Citemos algumas:

- **Jo 1, 4:** Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens. **A luz brilha nas trevas, mas as trevas não a acolheram**.
- **Jo 8, 12**: **Eu sou a luz do mundo**; quem me segue não andará nas trevas, mas terá a luz da vida (**cf Jo 9**, a cura do cego desde o nascimento. **Jesus** revela o verdadeiro nome de Deus, que uma vez se tinha revelado com o nome **Sou aquele que sou** (**Ex 3,14**), o nome agora é o nome puramente relaciobal e musical "**Pai**," e o Verbo dele, Jesus, é **o Filho, filho único** (cf **Jo 1,18**, último versículo do Prólogo).
- **Jo 17, 6:** Manifestei o vosso nome aos homens que deste do mundo: eles eram teus e tu mos deste. Eles guardaram tua palavra.

[10] סיִהֹלֱא רֶמאֹיַו.

4.3 A *perichôresis* (a Circulação) do morar

Os exegetas falam a respeito da relacão entre Pai e Filho, sobre **a *pericorêsis.*** Do grego, *peri (que significa: ao redor, a respeito de)* , e *choras* (que significa: espaço). **O espaço** (grego:***Chôra***) entre Pai e Filho parece um círculo, infinitamente, ao mesmo tempo se abrindo e fechando, em que distância e aproximação, horizontal e vertical, ao mesmo tempo, fazem **um movimento circular** em que **brilha a feliz coincidência** do início e do fim. O Pai **é** Pai (no sentindo dinamico), enquanto Ele sai de si e se dirige ao Filho, " Flho unigênito no seio do Pai" e o Filho, **dentro do mesmo movimeno circular**, **é** (torna-se) Filho, enquanto se orienta ao Pai, numa escuta jubilosa (Cf **Jo 5; 12, 44-50**: **Mt 11, 25-27; par. Lc 10 21-24).**

João exorta**: "**Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou, não o atrair, e eu o ressuscitarei no último dia. [...]. Todo aquele que ouve o Pai e dele aprende, este vem a mim. Não que alguém tem visto o Pai, porque só viu o Pai aquele que vem de junto de Deus (**Jo 6, 44-48)**. Isso significa que aquele que crê – aqui poderíamos dizer, "mora" – tem a vida eterna, pois "Eu sou o pão da vida, vossos pais comeram o maná no deserto, mas morreram. Este pão é que desce do céu para que nào morre quem dele comer"

Há várias passagens no evangelho de João que poderíamos citar a fim de mostrar essa relação pericorética e ao mesmo tempo "moradia".

- **Jo 11, 27-30:** Minhas ovelhas atendem minha voz. Eu as conheço e elas me seguem. Eu lhe dou a vida eterna: elas jamais perecerão e ninguém as arrebatará de minha mão. Meu Pai que me deu as ovelhas é maior que todos, e ninguém pode arrebatará-las da mão de meu Pai. **Eu e o Pai somos um**.
- **Jo 14, 8-11:** Disse lhe Jesus: Faz tanto tempo que estou convosco. E tu não me conheces? **Quem me viu, viu o Pai**. Na medida em que o evangelho progride, volta a melodia do **"ser em",** tema já inauguado, quando João trata da Eucaristia (**João cap 6, e 15**).

Assim, o próprio Deus se alegra, espalhando a sua **própria luz (*doxa*)**, quando os fiéis, os ouvintes de seu Filho, **pelo ato de fé e oração** (a obra que **o Pai deseja) vão morar junto Dele. *Perichôresis*, portanto**, significa: o Pai **mora** no Filho e o Filho **mora** no Pai. Com aquela pergunta: **Mestre onde**

moras? Jesus responde: **Vinde e veja**, a partir da qual se inicia a narração da Boa Nova. (**Jo 1, 38-39**).-Despedindo-se dos apóstolos na sala da última ceia, Jesus lhes abre a perspectiva consoladora **de ficar com eles**.

> Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não, eu vos teria dito; vou preparar-vos um lugar, Depois de ter ido e vos ter preparado um lugar, voltarei e vos tomarei comigo, para que, onde eu estiver, vós estejais também. **E vós conheceis o caminho**. **(Jo 14, 2-4)**

Deus, definitivamente quer, que seu ser, sua Pessoa, seu ***Lógos***, sua Luz, seja partilhada, é o que diz a ***Lumen Gentium***, número 1. Ele é partilhado, em linguagem heideggeriana, como um "**ser-em"** (*Mitsein*), graças a Jesus (Heidegger, 2012). Aquele desejo repercute **um convite** de Jesus: "Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu peso é leve" (**Mt 11, 28-30)**. O Pai de Jesus, torna-se, junto com Jesus, o "nosso Pai" (**Mt 9,13**). Cf as três parábolas de Jesus em **Lucas 15. Vale a pena ainda citar**: "Se alguém me ama, guardará minha palavra, e meu Pai o amará, viremos a ele, e faremos nele nossa morada" **(Jo 14, 23)**, um belo acordo final da frase lapidar de **Jo 1, 14**).

Tudo **repercute** na **Oração sacerdotal de Jesus**, em que Ele abre o seu coração, ardendo de amor. **Repercute** o belo unissono de **Pai**: eu te amo, do **Filho**: tu és meu. Assim, "Rogo por aqueles que me deste, porque são teus e tudo o que é meu é teu, e tudo o que é teu é meu e neles eu sou glorificado" (**Jo 17, 9-10**); e "Pai, **quero que** onde eu estiver, estejam também comigo aqueles que me destes, para que contemplem minha glória que me destes, porque me amastes antes da criação do mundo" (**Jo 17, 24)**. Sim, Deus (**Ex 3, 14**) quer que o seu Ser, a sua Pessoa, seja partilhado (LG, *Introdução*).

5 A ORAÇÃO: A MORADA DE JESUS

Jesus fala à samaritana sobre a fé intimamnte ligada com a oração. Ele aborda com ela, a questão da oração dizendo que a fonte é o prorio Deus. João mostra a profundidade da oração: "Mas vem a hora, e já chegou, em

que os verdadeiros adoradores adorarão **em espírito e verdade**, porque é **destes adoradores que o Pai deseja"** (**Jo 4, 23)**. Quem adora em espírito e verdade, deseja orar. **Desejar** significa em grego, ***zèteein*** (procurar de modo intenso). Jesus fala do íntimo desejo do próprio Deus. **Deus deseja um retorno para seu amor**. Este retorno é a fé, que se mostra no ato de oração (**Cf Jo 6, 29)**. **A fé** é um ato paradoxal: A pessoa se sente, na fé, sozinho e, ao mesmo tempo, experimenta a presença do totalmente Outro, que é Deus. E é o próprio Jesus que plenamente cumpre este desejo, o que alegra o Pai.

Rezar é, portanto, fazer **borbulhar** no coração a água viva (**Jo 3,14**). A água permeia as narrações do evangelho. Por este ato da fé, que é a oração, o próprio Jesus desejava ardentemente. Era a sua sede, sede pela fé. Por isso, ele aceitou ser crucificado. A penúltima palavra na cruz foi: "Tenho sede!" (Jo 19, 28). Belamente, canta o Prefácio do 3ª Domingo da Quaresma (ano A)

> Ao pedir à samaritana que lhe desse de beber,Jesus lhe dava o dom de crer.
>
> E, saciada sua sede de fé,
>
> Lhe acrescentou o fogo do Amor.

A oração de Jesus surge, como uma fonte, da eternidade. Abrange todo o tempo e espaço, e volta para a Eternidade. **Nela brilha a Origem**. Jesus rezando, **resplandece a luz de Deus (**grego: **hé doxa)**, criando Universo e suas belezas por uma só palavra **(Gen 1, 3**). Na sua oração, Jesus partilha a sua própria felicidade (**Jo 15, 11; 17, 13**). Rezando, Ele mostra **o íntimo desejo de seu coração: Ele quer assumir na sua oração**, a oração que surge, como um desejo íntimo do coração de cada ser humano, criatura de Deus (**cf João 4**). Aquele desejo profundo, desejo pela fé (**Jo 4**) é: participar do amor do própio Deus Pai, e que Este partilha com o seu Filho único, **o Verbo, (*ho Lógos*)** que se tormou visível em Jesus de Nazaré **(Jo 1, 14)**.

Em **Jo 17, 26**, é possível ler: Eu lhes dei a conhecer vosso nome e lhes darei conhecê-lo para que neles esteja **o amor com que me amastes e também eu esteja neles**. Nesta oração de **Jesus, o Verbo encarnado**, repercutem as suas palavras fulgurantes, ardendo de amor, de **Mt 11, 25-30** em que ele insiste no seu **convite em uníssono com o Pai: Vinde todos a mim (v. 26)**. Deste modo, este convite é **uma Filosofia da oração, pois rezar é morar**.

O evangelho de João nos informa, como dois ouvintes seguiram Jesus e peguntavam: **Onde moras?** Jesus, por sua vez, responde, "vinde e vede". Um deles se lembrou exatamente o horario deste encontro inesquecível: "Era pelas quatro horas da tarde (**Jo 1, 39**). Hora, em **Jo 17, 1, diz: "Pai, chegou a hora"**, mostra uma entoação da Oração sacerdotal.

Em **Jo 13, 36**, "**Para onde vais, Senhor?**", perguntou Pedro. Respondeu-lhe Jesus: "**Aonde vou**, tu não podes seguir-me **agora**, vais seguir-me mais tarde". Jesus se dirige para a cruz e é por ai, **neste lugar**, **onde** Ele, abandonado pelos homens, encontra **o seu lugar de morar.** O evangelista faz questão de indicar o lugar e o seu nome onde a Cruz vai "ser elevado" (**cf Jo 12, 32**).

Em **Jo 19, 17-19, é possível ler: "**Levaram, pois, Jesus. **Carregando sua cruz**, saiu para **o lugar chamado o Crânio, em hebraico *Gólgota***. Ali o crucificarame com eles outros dois, um de cada lado e Jesus no meio. Pilatos redidiu também uma inscrição e mandou ficá-lo da da cruz. Nela estava escrito: **Jesus nazareno, rei dos judeus"**. ***In cruce decus* – Na cruz está a beleza.**

A Cruz ja está presente desde o Prólogo. Em **Jo 1, 5, lê-se:** "A luz resplandece nas trevaa, e as trevas não a compreenderam (receberam)". **A Cruz** é, além de um fato histórico, a revelação do Sagrado. Está "inscrito" na Eternidade. Revela **a Glória**, isto é **a Luz** (grego: ***doxa***) de Deus. **Se vê nela, o que se ouve** na "badalada" de Jesus pregando: "Aquele que se levanta, será humilhado, e aquele que se humilha, será levantado". **Três vezes** (**Jo 3, 14; 8, 28; 12, 32**) Jesus fala sobre o mistério da Cruz como "ser levantado" (grego: ***hupsein***) como se fosse num trono real.

A cruz é um design. Como? Esta inscrito na eternidade e na temporalidade, No fundo do coração, como seres relacionais, somos chamados a dizer: "não eu, mas Tu [...] seja feita a tua vontade..." (**Mc 14, 36**). Ou ainda, "Eis me aqui, faça-se segundo a vossa palavra" **(Lc 1, 38**).

5.1 O gesto e o soldado romano

Há uma perícope especial que gostaria de retomar em Lc 2, 1: "No ano décimo quinto do reinodo do imperador Tibério, sendo Poncio Pilatos

governador da Judeia [...] veio a palavra do Senhor no deserto a João, filho de Zacarias". **Jesus** está morto, ainda se ouve o eco do estertor. Um soldado romano aproxima-se. Para testar o óbito, lança ***linea reta*** o dardo para **o alvo**. **Perfura**, dilarecando profundamente **o flanco** (grego*: **hè pleura***) do corpo sangrando, e, diz o evanvelho, "imediatamente", brota **uma nascente**, saltando das profundezas, **um manancial** (**Jo 4, 14 e Jo 7**, **37-38**). Jesus é a fonte, quem beber desta agua, jamais tera sede.

A cena, do soldado romano que perfura o lado de Jesus, após a sua morte (Jo 19,33) é a apresentação de um **"Acontecimento"**, é **o raio de relâmpago, rasgando a escuridão** (C**f Sl 17, 8-16, e contexo)**. Como, e por que? Porque o soldado, pela **sua lança**, símbolo de guerrear, destinado para matar, implacavel- e cruelmente inimigos, animais e aves do céu, e mesmo símbolo ornamental de um soldado, **perfura o *Lógos*, que era no princípio (Jo 1,1). O *Lógos* que se encarnou e habitou entre nós (Jo 1, 14)**.

Jesus ja tinha dito, rezando durante uma agonia antecipada, antes de morrer na cruz, e plenamente lúcido de seu destino doloroso: "Agora a minha alma está perturbada. Mas que direi? Pai, salva-me **desta hora**... Mas é exatamente para isso que vim a **esta hora**". **Pai, glorifica o teu nome**"! (**Jo 12, 27-28).** Nisso veio do céu uma voz: **Já o glorifiquei e tornarei a glorificá-lo" (cf Mc 14, 36).**

O gesto do soldado, recebido na lenda, o nome de seu instrumento e oramento de soldado (grego: ***longhè***, igual a **dardo, lança**) **Longuinho, faz com que se visualize e repercute** a palavra **do LOGOS encarnado**, "Quando eu for levantado da terra, atrairei todos os homens (tudo, grego: **panta**) a mim". **(Jo 12, 32)**. **Repercutem** as grandes intuições da filoofia grega, do pré-socrátco **Heráclito** por ex. **Frgm 50:** É sabio, ouvindo não a mim, mas o logos, concordar que todas coisas são uma.

Fulguram as Teofanias do Antigo Testamento (**Ex 19, 16-24; Sl 17; 103, 104)**. **Repercutem as intuicões da filosofia grega sobe o Ser como o Fogo (**grego: ***to Pur*)**, Citamos **Heráclito**, "O relâmpago governa tudo" (DK B64). **Naquele gesto** se abre a música de trombetas de louvações, repercutando **nos cânticos do Cordeiro imolado**, **no livro de Apcalipse**.

O gesto inspira a música da liturgia, dos ouvidos de grandes compositores, **de Amadeus Mozart** (1791),

Ave verum, *corpus natum*
De Maria virgine.
Vere passum, immoltum
in Cruce pro homine,
cujus latus perfuratum
fluxit aqua et sanguine
Estou nobis praegustatum
in mortis examine.

O gesto dá a Origem à liturgia batismal e Eucarística, Canta **o Prefácio da Festa do Sagrado Coração de Jesus**:

Elevado na Cruz,
Entregou-se por nós com imenso amor.
E de seu lado aberto pela lança
Fez jorrar, com a água e o sangue,
Os sacramentos da Igreja,
Para que todos, atraídos por seu coração,
Pudessem beber com alegria,
Na fonte salvadora. (Missal Romano, 2023)

Nosso ensaio quer desenvolver uma **filosofia da Oração**. Reflintindo sobre o Evangelho de João, iiciando com as frases lapidares filosóficas sobre **o *Lógos***, descobrimos agora **A Equiparação entre o *Lógos***, do Evangelho, fruto da meditação e celebração litúrgica dos primeiros cristãos. **O *Lógos***, da filosofia grega. **A Sabedoria**, descrita nos livros sapiencais **Jesus, cuja vida é marcada pela Cruz**.

A Cruz, manifestando **a glória (Luz) de Deus (cf Gen 1, 3. Jo 1, 5, 8, 12, e contexto)**. agora **fulgura como um design.** ***Per crucem ad lucem***. Queríamos iniciar um diálogo com um filósofo que representa a grande tradição filosófica do Ocidente, **Martin Heidegger**. **O Ser**, o que é? **O *Lógos*, a Linguagem, Simples, o Um, a Quadratura. Mas O SER**, **a Alètheia**, **se manifesta**, e, ao mesmo tempo, **se retrai**. Todo este mesmo mistério, que eternamente encanta um verdadeiro filósofo, recebeu **em Jesus de Nazaré**, traços tão humanos, humanos e divinos. Como aproximar-nos deste Mistério? **Agraciados, podemos agora aproximar-nos deste Mistério no gesto de Oração**. Citamos o grande Orante **Santo Agostinho (Conf I, 1)**:

Irrequietum est cor nostrum,
donec requiescat in Te, Domine.
Tu fecisti nos ad Te.

Pelo gesto de Longuinho chegou o momento especial, o **"agora"** da Crucificação. Em grego: ***hè hôra*; Jo 2, 4; 4, 21; 12, 27-28; Jo 17, 1**. A Cruz de Jesus, **um fato histórico**, é **um design**, design inscrito no Universo, e sim, inscrito no próprio Deus trinitário. E daí, inscrito nos corações de todos os seres humanos. **The Cross of Christ, a standing fact for all times** (**John Henri Newman)**. A descrição da Crucificação, no evangelho de João, é de uma inefável pofundidade. **Contem um sentido ontológico, filosófico**. Havendo Jesus tomado o vinagre, disse: **"Tudo esta consumado"**. (grego: ***tetelestai*)**. Inclinou a cabeça e entregou o espírito. [...] mas **um dos soldados abriu- lhe o peito com uma lança** e imediatamente **saiu sangue e água (Jo 19, 34)**.

O Verbo de Deus, grego: **ho LOGOS**, passou por uma verdadeira **agonia**. Realizou **a sua obra (Jo 4, 21; 14, 10-14; 17, 4)** em que fez **brilhar a luz de Deus trinitário**. Uniu a si a Igreja, saindo do seu lado aberto **A Igreja, constituída pelos sacramentos do batismo e da Eucaristia**. Sim, ele celebra na Cruz **o seu casamento místico (cf Ef 5, 21-33)**. **As bodas do Cordeiro**

Tetelestai (Consumado), a expressão da ultima palavra de Jesus na cruz (no evangelho de JO 19,30) é uma Ressonância, vindo de longe, de **Logos,** de **Um,** de **Simples (alemão *der Einfalt***), de ***das Geviert***. **Do SER!**

A tradução conhecida de **Quadratura** gostaríamos de substituir por: **O Abrangente (Envolvente) se diferenciando no quadriforme**. Todos os pensamentos de Heidegger, da sua palestra de Darmstadt (1951) sobre **Construir, Morar, Pensar**, marcando o fundamento do comportamento humano, **convergem para o Ser. O Ser, o *Lógos*, é o Abrangente.** Com a conotação de **Proteger, Abrigar.**

Para nós cristãos, o Deus que se revelou a Moisés como **uma Pessoa**, manifesta o seu nome como : **Sou Aquele que sou**. Mas o que é **um nome?** O verdadeiro nome, isto é a sua Pessoa, Deus revela, iniciando uma história comovente de relacionamento com o povo eleito. Depois do Exílio babilônico (586-530), o povo redimido se apega a seu Deus, e canta, carinhosamente e com respeito, o seu Nome (**YHWH, Adonai 825 vezes repetido nos salmos). Cf O Cântico dos Cânticos 1, 3**. Depois do Exílio, vem outro nome,

preparando o nome "que é cima de todos os nomens" (**Fil 2, 6-11**), o nome de **Messias**.

Jesus se revela, ao fim do diálogo com a samaritana, como **o Messias**: **Sou eu** que fala contigo. **Belo desfecho do diálogo com a samaritana Jo 4, 26** . A expressão **"Eu sou",** aparecendo aqui pela primeira vez, contem também, além das lembranças bíblicas do Antigo Testamento, repercussões do pensamento ontológco-filosófico sobre **o SER**.

Evoca a criatividade, a alegria, a coragem, a beleza da existência humana, o milagre de viver como ser humano na terra sob o céu/ o erguer do desânimo, a inspitação dos profetas e artistas, o dom do cântico e a força invencível da esperança, a bondade, a fraternidade e beleza.

O Ser é Dom, Doação. Na escuridão e solidão da noite e da morte, faz-se sentir como água cristalina, como realidade fontal. **Mistério da Cruz**.

TETELESTAI. CONSUMADO: *Amenizando o tom, a Palavra começa a repercutir*

Im Verklingen klinkt das Wort (M.Heidegger). A última palavra de Jesus orante na agonia, em grego e em tradução portuguesa, contem quatro sílabas: TE-TE-LES-TAI. Pura linguagem, prolongando **a repercussão**, como uma badalada redundante, para os confins do mundo e todas as regiões do Universo, ate o fim da história dos homens, vivendo na terra sob o céu.

A META.

Grego: To TELOS

A palavra grega To Telos é o substantivo do verbo ***teleein*****,** significa tanto **fim** como **finalidade** (**meta**), a Perfeição, o Supremo, o Acabamento, sugere o "esplendor da Ordem", a **Ordem**, outra palavra para o **LOGOS**. Sim, o Crucificado entoa o Cântico, que os habitantes do Céu estão cantando. (**cf Ap 5, 11-14**).

Tetelestai, consumado, "tudo o que fiz é muito bom". **Repercute** nesta última palavra de Jesus o que Deus disse quando viu no sétimo dia o Acabamento (telos) da obra da Criação.

Gen 1, 31:

Deus viu tudo que havia feito, **era muito bom**. [...].

Gen 2, 1:

Asim foram **finalizados (**particípio passivo do verbo grego ***teleein***) o céu e a terra com todos os seus elementos.

O círculo (cf a Perichôresis) desdobrando e dobrando, se fecha.

O início da Criação e Redenção, e **o fim, a meta** de toda **a obra** de Deus, do Pai, junto com **a obra** do seu Filho., agora **co-incidem**.

Cf Jo 4, 34; 5, 17 e contexto; Jo 10, 17-18; 14, 10-14;

Jo 17, 6;

A descrição da "adormição" de Jesus na cruz, manifesta **o fulgor do amor de Deus**, o Deus trinitário.

Jo 19,30:

Havendo Jesus tomado de vinagre, disse: **Consumado**.
Inclinou a cabeça e entregou o espírito

Tetelestai:

resplandecem na cruz as palavras fulgurantes de Jo 3, 16:

Com efeito, Deus tanto amou a humanidade que **Ele entregou** (deu; verbo grego: ***paradidonai***) seu Filho unigênito para que não morra quem nele crê, mas tenha a vida eterna.

Todos os sentimentos humanos profundos e existenciais, todos os desejos sinceros de coração, e que **o Evangelho de João** nos apresenta, nos **sete sinais** (grego: ***sèmai)*** repercutem solenemente **nas sete Auterrevelações:**

Jo 6, 35. 48. 51: Eu sou o pão da Vida.
Jo 6, 12: Eu sou a luz do mundo.

Jo 10, 7, 9 : **Eu** sou a Porta.
Jo 19, 11. 14: **Eu sou** o bom Pastor.
Jo 11, 25 : **Eu sou** a Ressureição e a Vida.
Jo 14, 6 : **Eu sou** o Caminho, a Verdade e a Vida.
Jo 15, 1. 5: **Eu sou** a Videira verdadeira.

"Eu sou"...

permeiando o evangelho**,** a lembrança nítida à Revelação de Deus a Moisés, como Pessoa (**Ex 3, 14**).

Eu sou...

de **Logos encarnado**.

É igual a **Jesus de Nazaré**, irradiando agora a própria Luz de Deus (**Gen 1, 3; Jo 1, 2**),

Eu sou...

Revela **Deus como a Santíssima Trindade**, de que **Thomás d'Aquino** diz que é: **relatio subsistens**.

Tetelestai, consumado,
linguagem primordial, música pura.

Quatro sílabas.
Lembrando-nos à poesia da poetisa alemã,
Marie von Ebner- Eschenbach (1830-1916).

> Um pequeno verso
> Por que nos encanta tanto?
> O que há nele? Diga-me!
> Há nele um simples tom-
> Uma melodia singela.
> Sobretudo uma grande alma.

Junto com **o Ressuscitado**, **o Logos encarnado**, sobe aos ouvidos de Deus, " a melodia singela" de todos os corações de boa vontade e dese-

jando a Paz.

Terminamos com um **Hino da Liturgia das Horas, da Igreja de Alemanha (Das Stundenbuch)**.

Gostaríamos ouvir, "neste pequeno verso", a música polifónica, de "um simples tom", causando a repercução suave no fundo musical, das quatro palavras (Pensamos no preludio do coral dos escravos "Vá, Pensiero" da ópera Nabuco Verde):

LOGOS
SABEDORIA
JESUS
CRUZ

Cristo, meu Senhor,
todo aquele que ainda é capaz de amar,
Te ama.
Todo aquele que não Te conhece,
Te ama inconscientemente.
Aquele que sabe a respeito de Ti,
Te ama saudosamente.
Cristo, Tu és minhs esperança, minha paz, minha felicidade.
Tu és todo em minha vida!
Cristo, meu coração se inclina para Ti.
Cristo, eu Te adoro.
Cristo, eu me apego a Ti,
com todas as forças de minha alma.
Somente a Ti, ó Senhor, eu amo, procuro e sigo.
(Frei Tinus van Balen Mogi das Cruzes,Tabor, 2026)

REFERÊNCIAS

AUGUSTINUS. *Confessiones*. Ed. James J. O'Donnell. Oxford: Oxford University Press, 1992.

CONCÍLIO VATICANO II. Lumen Gentium: constituição dogmática sobre a Igreja. *In*: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2005.

DIELS, Hermann; KRANZ, Walther. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlin: Weidmann, 1951.

HEIDEGGER, M. A época das imagens de mundo. Tradução de Claudia Drucker e Willian Lovitt (The Age of the World Picture) *In*: LOVITT, W. *The Question Concerning Technology and others essay*. Martin Heidegger. NY; London: Garland Publishing, 1977.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. Tradução de Victor Hugo de Oliveira Marques. *Multitemas*, Campo Grande, MS, v. 23, n. 53, p. 275–94, 2018. Doi: http://doi.org/10.20435/multi.v23i53.1593

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Edição em alemão e português. Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP: Unicamp; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

IGREJA CATÓLICA. *Missal Romano*. 3. ed. São Paulo: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2023. [Prefácio da Solenidade do Sagrado Coração de Jesus].

JASPERS, Karl. *Vom Ursprung und Ziel der Geschichte*. München: Piper, 1949.

MEYER, Conrad Ferdinand. "Der römische Brunnen". *In*: *Gedichte*. Berlim: Verlag der Nation, 1986.

MOZART, Wolfgang Amadeus. *Ave verum corpus*, K. 618. Baden bei Wien, 1791.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Tradução de Sérgio Milliet. *In*: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

SHAKESPEARE, W. *Hamlet*. Tradução, introdução e notas de Bárbara Heliodora. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

VAN BALEN, C. *A fonte*. Belo Horizonte: O lutador, 2015.